



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDU
CURSO PEDAGOGIA

MANUELA HERCULANO TENÓRIO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: RELATO DE EXPERIENCIA NARRADA E VIVIDA
NO PROJETO DE EXTENSÃO “CRESCER, HUPAA/UFAL”**

MACEIÓ

2024

MANUELA HERCULANO TENÓRIO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: RELATO DE EXPERIENCIA NARRADA E VIVIDA
NO PROJETO DE EXTENSÃO “CRESCER, HUPAA/UFAL”**

Artigo Científico apresentado à Banca Examinadora do Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção da nota final do trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mônica Patrícia da Silva Sales

MACEIÓ

2024

Manuela Herculano Tenório

PEDAGOGIA HOSPITALAR: RELATO DE EXPERIENCIA NARRADA E VIVIDA NO PROJETO DE EXTENSÃO "CRESCER, HUPAA/UFAL

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04/04/2024.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Patricia da Silva Sates (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 MÔNICA PATRICIA DA SILVA SATES
 CNASC: 23309/2019 0940211-0100
 Verifique em: <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Mônica Patricia da Silva Sates (CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente
 ELISANGELA LEAL DE OLIVEIRA MERCADO
 CNASC: 20308/2019 063040-0100
 Verifique em: <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra Elisangela Lealde Oliveira Mercado(CEDU/UFAL)
2º. Membro

Documento assinado digitalmente
 RENATA DA COSTA MAYNART
 CNASC: 23309/2019 21143040-0100
 Verifique em: <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra Renata da Costa Maynard (CEDU/UFAL)

3º. Membro

“Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.

(Paulo Freire)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo dom da vida, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação durante os anos de estudos e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da elaboração deste trabalho. A nossa senhora por ser a minha intercessora e guia.

Aos meus pais, Cícero e Marlene, por serem meu ponto de apoio. Aos meus irmãos e todos os familiares pelo apoio nos momentos difíceis e, em especial ao meu filho Gabriel Douglas ser um presente em minha vida.

Aos professores do curso de pedagogia da Universidade Federal de Alagoas por todos os ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho ao longo do curso.

A minha orientadora e amiga Mônica Sales, por toda dedicação, carinho, confiança e por me ensinar a acreditar em mim mesma durante toda a construção dessa pesquisa.

A professora Elisangela Mercado, por toda paciência, carinho e amor por mim, me mostrando que os meus sonhos são possíveis e sonhando junto comigo pelos direitos das crianças hospitalizadas.

A professora Renata Maynart por toda doçura e carinho que transmite, pelos seus ensinamentos e por confiar em mim.

A professora Edna Prado, por ter me dado a oportunidade de fazer parte do Projeto de Extensão “CRESCER” e por ter conhecido sobre a Pedagogia Hospitalar.

Aos amigos que sempre incentivaram e estiveram ao meu lado em todos os momentos da vida.

A todos os colegas de curso, com quem convivi durante a graduação, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizados e por todo companheirismo ao longo deste percurso.

Por fim, agradeço a todos aqueles que participaram no desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo meu processo de aprendizagem.

PEDAGOGIA HOSPITALAR: RELATO DE EXPERIENCIA NARRADA E VIVIDA NO PROJETO DE EXTENSÃO “CRESCER, HUPAA/UFAL”

Manuela Herculano Tenório
manuela.tenorio@cedu.ufal.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar os desafios e possibilidades pedagógicas no atendimento às crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados e ficam impossibilitados de frequentar a sala de aula do ensino regular. De forma mais específica, buscou-se discutir o percurso histórico e legal da Pedagogia Hospitalar e analisar a experiência vivida no projeto de extensão “Crescer: acompanhamento pedagógico às crianças e adolescentes hospitalizados e/ou com doenças crônicas” no Hospital Universitário Alberto Antunes–HUPAA–UFAL. O trabalho se desenvolveu por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, através da qual descrevemos e analisamos as experiências vividas no projeto de extensão. O resultado da pesquisa evidencia que a vivência do pedagogo em ambiente hospitalar é fundamental para crianças e adolescente hospitalizados exigindo dos profissionais um envolvimento maior com o trabalho. As atividades extensionistas vividas na Classe Hospitalar permitiram compreender que a atuação do pedagogo é ampla e diversificada e que a prática educativa desenvolvida no ambiente hospitalar carece de um olhar humanizado e de uma prática lúdica que estimule a participação e integração das crianças e adolescentes na construção do conhecimento e raciocínio lógico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva. Classe Hospitalar. Pedagogia Hospitalar.

SUMMARY

This article aims to identify the challenges and pedagogical possibilities in caring for children and adolescents who are hospitalized and unable to attend the regular education classroom. More specifically, we sought to discuss the historical and legal path of Hospital Pedagogy and analyze the experience lived in the extension project “Growing: pedagogical support for hospitalized children and adolescents and/or with chronic illnesses” at the Hospital Universitário Alberto Antunes–HUPAA–UFAL. The work was developed through qualitative and descriptive research, through which we described and analyzed the experiences lived in the extension project. The research result shows that the pedagogue's experience in a hospital environment is fundamental for hospitalized children and adolescents, requiring professionals to be more involved in their work. The extension activities carried out in the Hospital Class allowed us to understand that the pedagogue's role is broad and diverse and that the educational practice developed in the hospital environment lacks a humanized perspective and a playful practice that encourages the participation and integration of children and adolescents in the construction of the knowledge and logical reasoning.

KEY WORD: Special education, Hospital Class, Hospital Pedagogue.

1 Introdução

A Pedagogia Hospitalar é um serviço educativo que faz parte da modalidade de Educação Especial e que visa a ação do pedagogo no ambiente hospitalar e/ou domiciliar, assistindo os educandos que precisam de atendimento pedagógico nesses ambientes. Trata-se de um serviço que deveria ser ofertado de forma obrigatória em todos os hospitais, garantindo o direito à educação de todos, como preconiza a constituição. Contudo, há pouco ou nenhum conhecimento por parte de educadores, familiares e sociedade em geral sobre esta pauta.

De acordo com Fonseca (1999b), a Pedagogia Hospitalar existe no Brasil desde 1950 com a primeira escola em hospital implantada no Brasil com o nome de Bom Jesus, no Rio de Janeiro. Foi na década de 1990 que ocorreu o reconhecimento dessa modalidade de ensino pela Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1999) e pela Resolução n. 41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – Conanda (Brasil, 1995), a qual estabelece os direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados.

A Classe Hospitalar (CH), segundo as Diretrizes e Base Nacional de Educação Especial, afirma que:

(...) as classes hospitalares devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos matriculados em escola da Educação Básica, contribuindo para o retorno e reintegração ao grupo escolar, desenvolvendo um currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando o posterior acesso à escola regular (BRASIL, 2001, p.04).

Diante dessa definição, a presente pesquisa buscou responder a seguinte problemática: Qual a função do pedagogo no ambiente hospitalar? Com o objetivo de conhecer e identificar os desafios e possibilidades pedagógicas no atendimento às crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados e ficam impossibilitados de frequentar a sala de aula do ensino regular. De forma mais específica, buscou-se discutir o percurso histórico e legal da Pedagogia Hospitalar, relatando a vivência e a atuação de ser pedagogo em formação em uma classe hospitalar no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes-HUPAA.

O interesse por esse tema surgiu com o ingresso e participação no Projeto de Extensão Crescer, no ano de 2020 no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes-HUPAA, realizando atividades educacionais com pacientes da ala pediátrica da instituição de saúde. Com esta vivência pude conhecer a importância da classe hospitalar, as propostas educativas

da classe e constatar que as famílias desconheciam os direitos que seus filhos tinham e que estão assegurados pela resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – Conanda (Brasil,1995). Tal resolução aborda especificamente os direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados. Também foi possível identificar que algumas crianças não estavam inseridas nas escolas regulares e outras tinham baixo rendimento escolar devido a várias internações por conta da doença.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva está pautada em um relato de experiência, fundamentado na descrição dos processos praticadas durante as atividades extensionistas realizadas em classe hospitalar. De acordo com Bogdan (1994, p.16) a investigação qualitativa deve ser usada nos seguintes termos:

Como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados escolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas e de completo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo outros sim, formulados com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e contexto natural.

Para melhor compreender sobre a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar e os desafios e possibilidades pedagógicas, buscamos embasamento teórico nos estudos de CASTRO, 2009, FONSECA, 1999; FREITAS, 2005; LUCON, 2011; OLIVEIRA, 2013; MATOS E MUGGIATTI, 2006; MATOS 2010.

O artigo está organizado em três seções: na primeira há um resumo histórico-documental e legal da pedagogia hospitalar; na segunda apresenta-se o início do Projeto Crescer e na terceira parte aborda desafios e possibilidades do trabalho docente no ambiente hospitalar.

2 Percorso histórico e legal da Pedagogia Hospitalar

Os primeiros relatos sobre a Pedagogia Hospitalar iniciaram em 1935, de acordo com Esteves (2008), na cidade de Paris na França, no século XX, quando Henri Sallier implantou o primeiro atendimento pedagógico em ambiente hospitalar para minimizar os danos causados pela Segunda Guerra Mundial. A guerra deixou muitos jovens e crianças feridos fisicamente e até mesmo com doenças contagiosas como a tuberculose, impossibilitando de frequentar as escolas regulares. Conforme Esteves (2008, p.2) essa iniciativa se espalhou por toda França e

em outros países da Europa como Alemanha e Estados Unidos “com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas”. Tendo sido criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para Infância Inadaptadas (C.N.E.F.E.I), em 1939 na cidade de Suresnes a 9,3 km da capital francesa. O centro tinha como objetivo formar professores para trabalhar em hospitais e em outras entidades. Nesse mesmo ano, foi criada a função de Professor Hospitalar. A formação de dois anos, capacitava profissionais para atuação em hospitais ou em áreas que se assemelham (ESTEVES, 2008).

No Brasil, a classe hospitalar teve seus primeiros sinais no ano de 1950. De acordo com Oliveira (2013), a classe hospitalar surgiu na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de agosto de 1950 no Hospital Municipal Bom Jesus, através da Portaria n.634 que atendia aos pedidos do então diretor do hospital, David Pillar. O trabalho desenvolvido pela Assistente Social Lecy Rittmeyer foi um marco em âmbito nacional dando vazão a Pedagogia Hospitalar. Após inúmeros ofícios contando a necessidade de mais professoras, em 1958, o Departamento de Educação do Ministério da Educação (MEC), cedeu ao hospital a Professora Esther Lemos Zaborousky, permitindo a melhoria dos atendimentos por distribuição dos alunos e o melhor rendimento escolar das crianças hospitalizadas (OLIVEIRA, 2013, p.27690).

A saúde e a educação são direitos assegurados por lei pela Constituição Federal, de 5 de outubro de 1988, conforme dispõe o art. 227

(...) é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, p. 221)

Apesar dos marcos legais e referenciais, não podemos dizer que de fato este direito tem sido assegurado. No Brasil foi apenas na década de 1990 que este serviço começou a ser pensado, com a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O estatuto apresenta os Direitos das Crianças e dos Adolescentes, destacando que elas têm “direitos a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para saúde, com acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar”, reafirmando os direitos desses educandos à educação no período de internação (BRASIL, 1995 p.01). O reconhecimento do direito à educação aos estudantes em tratamento de saúde está previsto ainda na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996, como veremos a seguir:

Art. 4º- A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de

internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Embora a LDB determine que seja assegurado o atendimento educacional as crianças hospitalizadas, em alguns estados brasileiros, inclusive Alagoas, não há uma política de atendimento a essa modalidade de ensino.

A Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), aborda os direitos da criança e adolescente hospitalizado. Composta por vinte direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados foi normatizada mais tarde em 2001, com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. E reafirmada em 2002, por um documento do MEC intitulado: Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: orientações e estratégias.

Apesar de todos os avanços e normativas legais da área, o atendimento nas Classes Hospitalares no Brasil ainda é muito limitado e está longe de contemplar as crianças nas unidades pediátricas do país. Tratando especificamente de Alagoas, segundo uma pesquisa realizada por Lima (2019), nos *sites* oficiais do estado de Alagoas e do Conselho Municipal de Educação de Maceió, não há nenhum tipo de oferta educacional que atenda crianças hospitalizadas. De acordo com a legislação da capital de Alagoas, detalhadamente na Resolução nº 01/2016, que trata das normas da Educação Especial, o município de Maceió ainda não cumpre o que está posto em lei na qual a pedagogia hospitalar está inserida.

Art. 41. O atendimento educacional especializado, direito público subjetivo, deve ser assegurado pelas mantenedoras das redes pública e privada, tendo início na Educação Infantil e perpassando todos os níveis, etapas e modalidades de ensino.

Art. 42. O Atendimento Educacional Especializado tem, como função complementar ou suplementar, a formação do estudante, com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela, sendo realizado:

I - em salas de recursos multifuncionais, estruturadas na própria escola ou em outra escola de ensino regular, em escolas públicas, privadas, confessionais, filantrópicas e comunitárias;

II – nos Centros de Atendimento Educacional Especializado;

III – nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior;

IV – no ambiente hospitalar;

V – em atendimento domiciliar.

Parágrafo único. No caso de Atendimento Educacional Especializado ofertado em ambiente hospitalar ou domiciliar, aos estudantes público-alvo da Educação Especial, não tem o caráter substitutivo do ensino regular. A Educação Especial, desenvolvida de forma complementar ou suplementar ao processo de escolarização, deve ser contemplada no Projeto Político Pedagógico das instituições públicas e privadas (COMED/Maceió, 2016).

Como podemos observar, a referida resolução, no artigo IV ressalta o direito ao atendimento em ambiente hospitalar. Ou seja, é um atendimento garantido a todas as crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados e ficam impossibilitados de frequentar a sala de aula do ensino regular. Portanto, a Política Nacional de Educação Especial e o município de Maceió ainda não cumprem com o que está posto na lei. Alagoas está entre os três estados da Região Nordeste que não oferta esse serviço em nenhum dos 102 municípios (FOSECA, 2015).

3. Projeto Crescer no Hospital Universitário Prof. Alberto Antunes

O Projeto de Extensão “*Crescer: acompanhamento pedagógico à criança e adolescente hospitalizados e/ou com doenças crônicas*” teve início no ano de 2020, no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes – HUPAA. Foi o primeiro projeto de extensão com atendimento em classe hospitalar na ala pediátrica do hospital universitário de Maceió, tendo por objetivo promover o atendimento pedagógico de crianças e adolescentes em situação de hospitalização para tratamento de doenças crônicas na Clínica Pediátrica do hospital, como estratégia de continuidade do processo de escolarização, bem como inserção ou reinserção em ambiente escolar após a alta, ao mesmo tempo em que contribui para a formação das graduandas do curso de Pedagogia.

No ano de 2019, sob a coordenação de uma professora efetiva da UFAL em parceria com a equipe composta por Psicóloga, Terapeuta e Bibliotecária foi realizada um primeiro encontro com estudantes de pedagogia da UFAL para implantação e desenvolvimento da extensão. Esse encontro permitiu a seleção e capacitação de estudantes de Pedagogia que fizeram provas dissertativas e entrevistas. Os extensionistas aprovados foram formados, inclusive fizeram cursos de primeiros socorros e passaram por uma avaliação psicológica para desenvolver o trabalho com as crianças hospitalizadas, cujo atendimento ocorria em grupos uma vez por semana com o acompanhamento da coordenadora do projeto e equipe do hospital.

O funcionamento do projeto ocorreu de segunda a sábado em tempo integral, no horário da manhã das 8h30 às 11h e no horário da tarde das 13h às 17h, atendendo crianças e adolescentes de 04 a 14 anos da pediatria hospitalar do Hospital Universitário vinculado a UFAL. Tal classe se caracteriza como multisseriada pois estavam inseridos educandos desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental, com idades e nível de conhecimento diferentes. Por se tratar de um projeto de extensão, as atividades realizadas na classe hospitalar eram desenvolvidas em sequências didáticas flexíveis, contemplando o nível de conhecimento de cada educando.

O trabalho na classe hospitalar não se reduz à escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados, pois procura compreender o cotidiano hospitalar e levar para o paciente o conforto emocional mostrando que no hospital, a vivência na classe é muitas vezes, sinal de saúde para as crianças e adolescentes hospitalizados (LUCON, 2011).

O HUPAA trata de crianças e adolescentes com doenças crônicas e atua na questão de investigação e diagnóstico das doenças. A maioria dos pacientes internados é do interior de Alagoas, sendo poucas da capital. Grande parte de suas famílias vivem da agricultura. Algumas crianças não estavam inseridas na escola, outras tinham baixo rendimento escolar devido a várias internações por conta da doença que impossibilitavam de frequentar presencialmente uma escola de ensino regular.

A experiência na classe hospitalar permitiu reconhecer a importância e necessidade da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, na prestação de um atendimento educacional interdisciplinar por meio de atividades lúdicas que estimulem a construção do conhecimento e raciocínio lógico, bem como também, auxiliem na recuperação de crianças e adolescentes enfermos durante o período de hospitalização.

O trabalho pedagógico realizado nos hospitais apresenta diversas formas de atuação e tem estado sob o olhar de diferentes observadores que tentam compreender, explicar e construir um modelo desse novo segmento educacional. A esse trabalho realizado em hospitais por profissionais de educação chamamos de Pedagogia Hospitalar – que é um trabalho especializado, amplo que vai além da escolarização e visa levar a criança hospitalizada a compreender seu cotidiano hospitalar. (TINÉE; ATAIDE, 2012, p.06)

Conforme as autoras, o trabalho pedagógico realizado nos hospitais é um trabalho especializado que demanda uma formação contextualizada ao cotidiano hospitalar. A atuação do pedagogo em classes hospitalares exige uma prática que ultrapasse os aspectos educacionais, estabelecendo uma interação dialógica e afetiva com as crianças e adolescentes que estão passando por um tratamento de saúde, muitas vezes sofrido e dolorosos. Dessa forma, é essencial que o pedagogo, em conjunto com a equipe multidisciplinar hospitalar, elabore estratégias de ensino que ultrapassem os aspectos cognitivos através da interação pedagógica.

A participação no Projeto Crescer nos permitiu compreender o papel do pedagogo na classe hospitalar me levando a uma reflexão que ultrapassa a mera aquisição de conhecimentos especializados na área, embora eles sejam extremamente importantes o que fica evidente na

nossa perspectiva é o aspecto humano, o respeito aos limites de cada criança e a dimensão psicossocial e afetiva na atuação em ambiente hospitalar.

O Projeto CRESCER buscou desenvolver práticas educativas e pedagógicas a fim de acompanhar as crianças e adolescentes em internação, promovendo uma vivência escolar pautada na humanização e afetividade, no empenho profissional, na construção de um ambiente saudável e prazeroso para as crianças e adolescentes. Através das atividades desenvolvidas na classe hospitalar pudemos observar que para além da instrução formal e da prática pedagógica é de suma importância que o pedagogo conheça as histórias das crianças, o estágio de sua doença, sua família e seu contexto social.

4 Desafios e possibilidades da atuação do pedagogo no ambiente hospitalar

Durante o período de execução do projeto foram percebidos alguns desafios relacionados a falta de orientação dos familiares sobre os direitos dos seus filhos, a resistências de alguns pais em autorizar a participação dos seus filhos na classe hospitalar, a dificuldade de encaminhar as atividades pedagógicas pelos pais, a falta de apoio de alguns profissionais da saúde e o sofrimento decorrente da perda/morte de crianças. O profissional que opta por trabalhar no ambiente hospitalar precisa estar preparado para vivenciar os desafios que o ambiente hospitalar impõe, adequando as atividades a partir das necessidades individuais dos educandos e das doenças acometidas pois a enfermidade se torna muitas vezes um obstáculo à prática pedagógica.

Durante as vivências na classe hospitalar, muitas mães falavam da doença dos seus filhos, com semblantes tristes, preocupadas, cansadas de muitos dias de internação, com saudades de casa e dos outros filhos que ficaram com os familiares. As famílias de crianças enfermas com doenças crônicas precisam se reorganizar, pois o tratamento médico necessário para a recuperação das crianças e adolescentes, muitas vezes só é oferecido em outra cidade ou as vezes a recuperação é demorada devido à vários exames no hospital, impossibilitando o convívio permanente os demais membros familiares. Quando chegávamos ao hospital para realizar as atividades com as crianças, primeiro passávamos na classe hospitalar, em seguida, nos dirigíamos até as enfermarias para saber quais crianças tiveram alta, quais as que chegaram

naquele dia, verificar suas condições de saúde para participar das atividades e conversar com as mães buscando transmitir confiança e construir parceria.

Segundo Fonseca (2003), as mães são mediadoras da interação entre a criança e a pedagoga, porque as vezes as crianças ficam temerosas com a presença de uma pessoa não familiar. Há casos de crianças que precisavam ser atendidas na própria enfermaria por estarem no isolamento, debilitada. Sempre buscávamos realizar atividades prazerosas que estimulassem o aprendizado e sem muita cobrança devido a fragilidades das crianças. Além disso, realizávamos o acompanhamento das atividades escolares com as crianças que frequentavam o ensino regular e estavam no momento impossibilitados de estar no ambiente escolar devido ao tratamento de saúde.

Os conteúdos mais trabalhados na classe hospitalar foram alfabetização e letramento, operações básicas, como adição, subtração e multiplicação e arte. A abordagem dos conteúdos ocorreu por meio de jogos educativos, pinturas, cantigas de roda, danças e atividades diversas, sendo vivenciados de forma leve, lúdica e com respeito ao estado de saúde de cada criança e seu tempo para realizar as tarefas.

De acordo com o documento denominado Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar, criado pelo MEC em 2002, o professor da classe hospitalar deve contar com o apoio de um assistente, podendo ser profissionais de nível médio ou estudantes universitários das áreas da saúde e educação, cuja função é auxiliar o pedagogo na higienização do ambiente e dos materiais, no controle da frequência e no acompanhamento dos educandos para o uso do banheiro, assim como na alimentação em classe, quando for o caso.

Em alguns momentos atendemos as crianças na própria enfermaria, devido à dificuldade de locomoção e ao estado de saúde destas. Também tivemos a oportunidade de interagir com um estudante com deficiência auditiva e conseguimos nos comunicar com ele por meio da língua brasileira de sinais - LIBRAS. Foi muito emocionante ver a alegria no rosto dessa criança ao perceber que estava entendendo o que explicávamos. Importante destacar que os conteúdos abordados possam de algum modo se relacionar com as vivências das crianças e se aproximem do seu cotidiano e de suas experiências para que haja um maior envolvimento e interação com o conteúdo.

Dentre os limites e desafios identificados na atuação do pedagogo em classe hospitalar destaca-se o luto. O pedagogo atuante em classe hospitalar muitas vezes se depara com a morte do paciente-estudante ou com situações de urgência e emergência que demandam atendimento

médico ao estudante. Segundo Matos (2010) neste ambiente devemos ter clara a noção da perda, dos conflitos sociais, as questões socioeconômicas e culturais. O professor precisa manter o equilíbrio psicológico frente às diversas circunstâncias dos tratamentos de saúde das crianças. Isto é, “no hospital se trabalha diariamente na luta entre a vida e a morte, o corpo pode estar doente, mas a mente é sã, portanto, não se detêm o sonhar, o fantasiar e se planejar a vida que ficou do lado de fora” (MATOS, 2010, p.49).

Durante as atividades extensionistas desenvolvidas na classe hospitalar recebemos quatro notícias de falecimento de educandos, nos causando uma dor intensa, porque a gente nunca imagina ou se prepara para perdê-los, nosso desejo é que eles se recuperem e se curem, mas isto nem sempre é possível. Deste modo, é preciso aprender a lidar com o luto e fazer de cada aula um momento especial, porque ela pode ser a última atividade lúdica que possibilita ao enfermo vivenciar a infância.

Cardoso e Santos (2013) abordam que a passagem pelo luto é essencial para o enfrentamento, para a retomada, para a recomposição da vida. Assim, o luto pode ser compreendido como um processo de aprendizagem, que permite uma nova concepção de mundo e um reposicionar-se em relação à vida, caso predominem estratégias como a reavaliação positiva das experiências adversas.

A atuação do pedagogo em classe hospitalar implica no enfrentamento diário de desafios presentes no contexto hospitalar, o que demanda do profissional o entendimento de que toda doença tem um determinado fator de risco para a vida das crianças e adolescentes e que muitas vezes ele vai precisar ser forte para fornecer apoio as demais crianças frente a perda de colegas. Fica de ensinamento a importância do trabalho em classe hospitalar e a contribuição do pedagogo no processo de aprendizagem e participação na vida social das crianças hospitalizadas. Portanto, é dever do Estado e da família garantir o direito a saúde e educação das crianças e jovens brasileiros mediante uma política pública educacional que forneça recursos humanos, financeiros e materiais para o funcionamento da classe hospitalar e a oferta de um ensino de qualidade com formação especializada e espaços e tempos adaptados às demandas do ambiente no qual as crianças estão inseridas.

5. Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo identificar os desafios e possibilidades pedagógicas no atendimento às crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados e ficam impossibilitados de frequentar a sala de aula do ensino regular. De forma mais específica, buscou-se discutir o percurso histórico e legal da Pedagogia Hospitalar e analisar a experiência vivida no projeto de extensão “Crescer: acompanhamento pedagógico às crianças e adolescentes hospitalizados e/ou com doenças crônicas” no Hospital Universitário Alberto Antunes–HUPAA–UFAL.

A pesquisa nos permitiu compreender que a educação é direito de todos e que as crianças e adolescentes hospitalizados independente da doença ou especificidade precisam ter seus direitos a saúde e a educação garantidos. Nesse contexto, a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar é fundamental para o desenvolvimento destas crianças e adolescentes em situação de enfermidade. O estudo evidenciou que são muitos os desafios enfrentados pelo pedagogo na atuação em classe hospitalar e que há pouco conhecimento sobre a temática e poucas ou nenhuma iniciativa governamental na criação de políticas públicas de atendimento a este público, apesar dos avanços legais.

A participação no Projeto de Extensão CRESCER nos permitiu vivenciar experiências inesquecíveis e desafiadoras. As histórias de superação das crianças nos incentivaram a sermos melhores como pessoas e profissionais. Ao pedagogo compete a realização de uma prática educativa que estimule as crianças hospitalizadas a serem agentes ativos e participantes na vida social, assegurando seu direito de ser criança e de ter acesso a saúde e educação. Por fim, destacamos que as classes hospitalares não podem ser vistas como salas de aula comum e que estas devem ser sobretudo, um ambiente lúdico e confortável que proporcione as crianças e adolescentes esquecerem um pouco o sofrimento vivenciado durante o período de internação.

Referências

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição:** República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Educação Especial. **Política nacional de educação especial.** Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1994.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. **Lei Federal 8.069**, de 13 de julho de 1990. São Paulo, 1995.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei no 8.069**, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivill_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 01 out. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e atendimento domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília, MEC, 2002.

----- Conselho Nacional dos Direitos da criança e do adolescente hospitalizados.

Resolução nº 41, de out/1995, Brasília: Imprensa Oficial, 1995.

COSTA, D.S. Da S. A escuta da criança queimada, da equipe de cuidados e dos pais. In: SERRA, M.C, GOMES, D.R (org.). A criança queimada. Rio de Janeiro: Eventos, 1999.

CRUZ, Luis Paulo Santos, SILVA, Nielson da. Políticas Educativas e Direitos de Cidadania: Política de Educação Hospitalar. Cruz das Almas, BA: Mestrado Profissional em Gestão Pública e Segurança Social (PPGPSS-UFRB), 2021.

ESTEVE, C.R. **Pedagogia Hospitalar: Um breve histórico**, 2008. Disponível em: <http://pedagogiaaopedaletra.s3.amazonaws.com/wp.content/uploads/2013/06/Hist%20c3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOPITALAR.pdf>. Acesso em 21 de janeiro de 2020.

FONSECA, E. S da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Mennon, 2003.

FONSECA. Eneida Simões da. O Brasil e suas escolas hospitalares e domiciliares. In: SCHILKE, Ana Lúcia, NUNES, Lauane Baroncelli, AROSA, Armando C. (Orgs). **Atendimento Escolar Hospitalar: saberes e fazeres**. Niterói, Ed Intertexto, 2011.

FREITAS, S.N. e ORTIZ, L.C.M. **Classe hospitalar: Caminhos Pedagógicos entre saúde e educação**. Editora UFSM, 2005.

LIMA, Renata, Souza de.: **Classes Hospitalares: A Efetivação Tardia de um Direito Constitucional**. TCC, 2018.

LIBÂNIO, José Carlos. Didática. 2ª edição. São Paulo: Cortez 2013

LUCON, Cristina Bressaglia. **O ADOLESCENTE HOSPITALIZADO COM CANCER: a importância do trabalho do professor de Classe Hospitalar para esse alunado**. Curitiba, 2011.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MATOS, E. L. M. e MUGIATTI, M.M.T.F. **Pedagogia Hospitalar: A Humanização Integrando Educação e Saúde**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

MACEIÓ, Secretaria Municipal de Educação. Conselho Municipal de Educação – COMED. **Resolução nº01 de Janeiro de 2016**. Maceió, AL, 2016. Disponível em: <http://comedmaceio-comed.blogspot.com/p/blog-page-12.html>. Acesso em 25 mar. 2024.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de.: Um breve histórico sobre as classes hospitalares no Brasil e no mundo. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. Anais.... Curitiba: Pucpr, 2013. p. 27685 - 27697. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

TINÉE, C. A; ATAIDE, S. P. **A Atuação do Pedagogo em Classe Hospitalares**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em:

<http://www.iparadigma.com.br/bibliotecavirtual/items/show/144>. Acesso em 25 de abril, 2024.